

ENTRE CIGARRAS E FORMIGAS

Podcast Bobagens Imperdíveis

Transcrição do episódio

[Som de cigarras]

Escuta só. Começou a algazarra. A sinfonia das cigarras. Canta, canta mesmo. Se esguela. Que isso daí não vai terminar bem.

Você deve conhecer a fábula da Formiga e a Cigarra. Aquela, em que a formiga workaholic se dá bem e a cigarra de humanas se dá mal, por passar o verão inteiro cantando:

[Áudio do Pica-Pau]: "Eu ando descalço, não preciso de grana / e uso colar, minha roupa é estranha / eu não vou trabalhar, eu não vou trabalhar / eu sou hippie e não vou trabalhar!"

[Som de cigarras]

Mas aí não tem o que comer quando chega o inverno.

Era de Brasília, Esopo, era? Parece até que queria se vingar do som enlouquecedor das cigarras que toma tudo na estação das chuvas. Penetra no seu crânio feito uma furadeira. "Ah malditas, vocês vão ver só, vou escrever uma história onde vocês se lascam no final!!" Entendo super, eu faria o mesmo.

Esopo na verdade viveu uns 600 anos antes de Cristo, e chegou na Grécia vendido como escravo para um filósofo. Esopo ficou muito conhecido por suas historinhas de auto-ajuda protagonizadas exclusivamente por bichos.

Entre elas, essa fábula, muito usada para ensinar às crianças os perigos de viver como artista, em vez de passar num concurso público, trabalhar igual uma condenada e juntar bastante dinheiro para ter um futuro com estabilidade e conforto.

Eu sei que você conhece, mesmo assim, vou contar. Vou ler aqui a versão da Ruth Rocha:

A cigarra passou o verão cantando, enquanto a formiga juntava seus grãos.

Quando chegou o inverno, a cigarra veio à casa da formiga para pedir que lhe desse o que comer.

A formiga então perguntou a ela:

– E o que é que você fez durante todo o verão?

– Durante o verão eu cantei – disse a cigarra.

E a formiga respondeu:

– Muito bem, pois agora dance!

MORAL DA HISTÓRIA: Trabalhem para nos livrarmos do suplício da cigarra, e não aturarmos a zombaria das formigas.

O problema de histórias curtinhas assim, como bem vimos no episódio sobre a Torre de Babel, é a quantidade de buracos que ela abre para enfiarmos nossa imaginação.

Durante gerações, essa história foi contada e recontada por gente do mundo todo, com variações aqui e ali, criando possibilidades de interpretações bem diferentes. O que talvez seja justamente o que permitiu que a fábula sobrevivesse no imaginário por tanto tempo.

Então, como esse episódio continua vai depender de como você enxerga esse final.

[Vinheta do programa Você Decide]

Sim! O final, você decide:

Se você acha que no final da história a formiga expulsa a cigarra e ela morre congelada e de fome, vá para o minuto 4 e 48 segundos.

Se você acha que no final da história a formiga sugere que a cigarra trabalhe, dançando para o entretenimento da colônia no inverno, vá para o minuto 8 e 35 segundos.

Não, não tem terceira via. Você que lute para escolher.

Ou você pode ouvir o episódio inteiro para irmos mais fundo nesse formigueiro de interpretações: será que a cigarra é mesmo uma vagabunda que mereceu um final trágico e a formiga é mesmo uma neoliberalzinha safada, cruel e mesquinha?

Será que conseguimos decifrar os sinais que esses insetos estão tentando nos transmitir, com essa gritaria tão alta quanto a decolagem de um avião a jato, ou com ondas químicas silenciosas, passadas de antena em antena?

Qual questão de enorme importância pode estar escondida entre essas miudezas? Só indo atrás delas para saber.

Eu sou Aline Valek e você está ouvindo Bobagens Imperdíveis!

- - -

Chegamos ao final 1, em que a formiga expulsa a cigarra da colônia, e a coitada morre de fome, congelada, em punição por não

ter se preparado para o inverno. Muito bem. O final mais trágico possível.

Primeiro permita-me trazer evidências que desmontam esse estereótipo de agentes da vadiagem que as cigarras receberam por conta dessa historinha.

Cigarras são trabalhadoras sim. Só que elas trabalham caladas, por anos, e só são reconhecidas pelo breve período em que saem para cantar.

Cigarras passam seus primeiros anos de vida no subsolo. Podem passar até 17 anos nessa fase, quietinhas, debaixo da terra. Bichos de profundidade, cavando túneis, comendo as raízes das árvores onde nasceram. Recolhidas, trabalhadoras, o oposto da personagem que as fábulas nos ensinaram sobre elas.

Depois de todo esse tempo, precisam subir de volta a árvore onde nasceram. Se você é do tamanho de uma cigarra, uma árvore é uma muralha de altura infinita. Imagine o esforço. E ainda, no meio da escalada, precisam trocar de corpo, que começa a ficar apertado demais. Elas precisam romper o próprio corpo e deixá-lo para trás! Cuidando também de fugir dos predadores pelo caminho.

Os troncos ficam cheio de exoesqueletos arrebatados. Um cenário meio gótico, um cemitério de cascas vazias. Parece vestígio de morte, mas é só uma perda necessária para continuarem crescendo.

A fase em que cantam e chamam a atenção é breve. Questão de semanas. Cumprem o trabalho de anunciar o início das chuvas, depois de um período de seca. O barulho faz as cigarras parecerem eternas, mas é justamente sua brevidade que faz com que cantem tão alto. 120 decibéis, caras. Nem show de sertanejo chega nessa altura.

Esse apelo desesperado tem um motivo. O tempo está acabando!

O auge artístico das cigarras passa rápido e se acaba no momento em que se reproduzem. Põem ovos e morrem. Triste fim para um bicho que depois de passar anos debaixo da terra vai viver algumas semanas de boemia entoando uma única e estridente canção:

EU QUERO TREPAP!

Não é de fome nem de frio que a bichinha morre. É de exaustão. Ela cumpre sua missão em nome da perpetuação da espécie depositando os ovos da próxima geração na casca da árvore e pronto, morre. Depois de uma vida no escuro do subsolo e de uns poucos minutos de prazer, sob os holofotes. "Agora dance", mas a última dança, a dança fatal para a cigarra, é a dança do acasalamento.

Se é final trágico o que você esperava, a realidade consegue ser ainda mais cruel que a formiga da fábula.

Game Over.

- - -

Chegamos ao final 2, que considera que a formiga, na verdade, acolhe a cigarra na colônia. Quando a formiga diz "então dance!", ela pode não querer dizer "agora você se lascou", mas sim literalmente, um pedido para a cigarra dançar! Dance, dance para nos entreter, faça desse o seu trabalho para ganhar a vida no inverno.

Essa é uma leitura que considera o fazer artístico como um trabalho.

Seguindo o rastro de migalhas dessa interpretação, a polarização entre trabalho e criação artística se dissolve. Deixa de ser uma questão #TeamFormiga versus #TeamCigarra, como personagens antagônicas. Elas podem ser dois lados de uma mesma coisa.

Se você se considera artista, pode se identificar com esse dilema. Será que o que eu faço é trabalho de verdade? Será que para ser considerado trabalho, é preciso envolver sofrimento, um chefe escroto, condução lotada, burnout? Ou será que só sou artista de verdade se eu for muito vida louca, criar quando vier inspiração, não ter horários, me mover pelos aplausos, viver na boemia deixando o acaso me guiar até o próximo sucesso? A fábula pode ter uma mensagem para você, colega artista em crise.

Artistas podem ser cigarras: cantam, vivem livres para buscar inspiração, precisam se expressar. Mas artistas também podem ser formigas: levam a sério o que fazem, veem valor no trabalho, esforçam-se para produzir.

Das várias interpretações que podemos tirar dessa história, uma possível de extrair é a de que não preciso escolher entre uma coisa e outra. Podemos ser uma junção das duas.

Ser uma formiga-cigarra. Ou uma cigarra-formiga.

Formigas-cigarras são artistas, mas trabalhadoras. Entendem que sua produção depende de ciclos: há tempos para trabalhar bastante, e tempos para ficar de boas, criando livremente ou simplesmente descansando.

O lado formiga serve para nos lembrar que depois de trabalhar muito, não há nada de errado em se recolher e esperar o inverno criativo passar. O lado cigarra também nos lembra que não dá para ficar em evidência o tempo inteiro; há tempo para o canto, mas tempo para se renovar e trocar de casca.

Produzir o tempo inteiro com a mesma intensidade não é possível nem saudável. Artistas também precisam de pausas. Ciclos de

produtividade – uma montanha-russa de altos e baixos – fazem parte do processo.

Ser uma formiga-cigarra é entender esses ciclos. É saber que a arte não é só feita nos momentos de trabalho intenso e constante, mas também nos momentos de não fazer nada.

E, principalmente, é acreditar que formigas-cigarras podem viver para a arte sem morrerem congeladas no final da história.

Tem um outro inseto que pode nos ensinar muito sobre o trabalho do artista. Conto para você depois do nosso intervalo comercial.

- - -

Você sabia que esse podcast é financiado pelos ouvintes?

São eles que possibilitam que eu continue a fazer esse trabalho da forma que acredito, sem intermediários entre você e eu. Essa coisa assim, mais intimista.

Se eu posso fazer isso, dedicar tempo para pesquisar, escrever e produzir esse podcast com o cuidado que ele exige, é também graças a quem me apoia.

Se as palavras que costuro e transformo em sons aqui fazem sentido para você, te inspiram, te ajudam a conhecer coisas novas, fazem luzinhas se acenderem e piscarem em cantos diferentes do seu cérebro... você pode reconhecer essa arte como trabalho e me apoiar.

Você pode fazer um apoio mensal em apoia.se/alinevalek. Com o valor que quiser e pelo tempo que puder, e ainda vem para mais perto do meu processo. Se preferir fazer uma doação única de qualquer valor, você também pode! Os links estão na descrição do episódio.

Essa operária da palavra que vos fala agradece de coração.

- - -

Aranhas são trabalhadoras solitárias. Sozinhas, elas costuram suas teias – aquelas que constroem teias, claro, porque nem todas têm essa habilidade.

É um trabalho criativo: elas tecem formas complexas e sofisticadas suspensas no ar, feito mandalas ou labirintos, desenhados a partir de um único traço. Tiram de suas entranhas o material – aminoácidos proteicos – que, ao entrar em contato com o ar, cristalizam-se na forma de um fio flexível, elástico, resistente.

Aranhas precisam ser versáteis com seu talento. Usam sua teia para capturar a presa, mas também para construir casulos, abrigos, fazer adornos, guardar o alimento, pular de um lugar para o outro. Também precisam aprender a construir teias diferentes.

Experimentar novos formatos. Afinal, cada captura exige uma estratégia diferente.

O resultado do seu trabalho é uma estrutura muito resistente – cinco vezes mais forte do que o aço, tão firme que pode se esticar bastante sem se romper. É algo com consistência, firmeza.

Mas apenas seu talento para criar algo assim não basta. Acima de tudo, a aranha sabe esperar. Trabalha muito, trabalha sozinha, constrói algo bem firme e então espera. Tem paciência.

A espera é importante porque, quando o trabalho é bem feito, a recompensa vem. A aranha sabe disso. E espera.

A aranha ensina muito sobre fazer sozinha.

Fazer sozinha é cansativo, difícil, exige muito. Mas é nesse processo artesanal que se aprende: coisas novas, formas de aperfeiçoar o que já fazemos e, acima de tudo, aprendemos sobre nossos limites.

Sozinha aprendi que preciso de mais tempo para fazer coisas que conseguiria mais rapidamente com a ajuda de outras mãos.

Mas de nada adiantam oito braços se não for para focar num trabalho consistente, firme, bem feito. Chegar mais alto é bom, mas não é tudo. Crescer rápido não é tudo. É a consistência desse trabalho que permite que não só possamos crescer, mas permanecer.

A aranha sabe disso. E ainda que sua teia seja desfeita, sua carreira não está acabada. Muito elegante, ela move suas pernas para outro canto, onde começa tudo mais uma vez, um dia após o outro, ainda que ninguém esteja olhando para ela.

- - -

Ocupadas, robóticas, as formigas são esse símbolo de trabalhadoras incansáveis. Nas suas metrópoles subterrâneas, elas só têm espaço para pensar em trabalho, trabalho, trabalho.

Mas veja, veja a formiga, minúscula. Pode observar, sem medo de sermos notados. Para ela somos gigantes imperceptíveis, como deuses invisíveis para uma colônia de ateias. Embora, pensando bem, sejamos insignificantes do ponto de vista cósmico das criaturas de maior importância.

Agachados, olhamos para a formiga em seu vai-e-vem exploratório e nos perguntamos: será que discutem sua existência nesse seu vocabulário químico? Será que pensam entre tarefas monótonas de subir e descer por túneis ilógicos? Raciocinam como indivíduos enquanto se emaranham em multidão?

Será que suas cabeças de pixel produzem sonhos nanômetros? O que sonham as formigas, então?

Sonham com cheiro de verde? Com gosto de terra? Têm sonhos de escavar, de construir? Ou os mais terríveis, os de se perder? Sonhos de formigueiros destruídos? De ondas incompreensíveis de feromônios? Sonham com milagres de açúcar que inesperadamente aparecem no caminho?

Talvez seus sonhos não se distingam da realidade, para que não se perturbem com o inexplicável. Assim podem se perder em trabalhos repetitivos e continuar a marchar na grama da tranquila ignorância de não se saberem tão pequenas.

Ou será... Será que sonham que são enormes, que dirigem carros, que vestem roupas? Será que sonham que se batem no trânsito, que marcham em passeatas ou correm atléticas no asfalto, ouvindo um podcast, ridículas, com medo da morte, enquanto seus pés esmagam formigas que são elas mesmas, operárias, quando resolvem sair de suas colônias para um piquenique numa manhã de sábado?

- - -

Chegamos ao final 3. Ah, que novidade, eu menti pra você. Sim, tinha o final 3. Esse em que cigarra e formiga começam a problematizar toda a lógica do trabalho no contexto da sociedade capitalista.

A nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção.

Quem escreveu isso foi Paul Lafargue, um jornalista e escritor cubano, socialista, que foi genro de ninguém menos que Karl Marx. Ele escreveu esse texto, "O direito à preguiça", em 1880. Deixei o link para o texto completo na descrição desse episódio. Mas parece até estar falando do século 21 e das jornadas de trabalho que continuam tão ou mais excessivas que as jornadas de 14 horas lá do início da Revolução Industrial.

Paul era um utópico: acreditava que máquinas mais avançadas fariam o trabalho por nós, e as pessoas poderiam trabalhar apenas 3 horas por dia. Ficaria decepcionadíssimo se desse uma olhadinha 200 anos no futuro e visse que sim, temos tecnologias espantosas e inteligência artificial a rodo, mas isso não nos faz trabalhar menos. Pelo contrário.

Trabalhamos até o ponto do esgotamento. Nosso tempo e energia mental ficaram tão escassos que ouvir áudios e assistir vídeos em velocidade acelerada é uma necessidade para dar conta de tanta coisa ao mesmo tempo. Precisamos continuar produzindo no mesmo ritmo apesar das perdas, dos surtos, da falta de perspectiva de cenários melhores. Precisamos trabalhar mais porque tudo fica cada vez mais caro e nosso dinheiro vale cada vez menos.

Não por acaso a vagabundagem é desestimulada, perseguida e marginalizada. O ser humano em seu estado mais puro, mais natural, com espaço mental para pensar em coisas inúteis, em observar o que parece ser desinteressante e com tempo para se dedicar aos seus desejos, não tem espaço nessa fábula capitalista onde nosso papel ideal é de ferramenta de produção... ou de consumo.

Tudo dá trabalho, até exercitar a preguiça. Precisa marcar na agenda. Ou associar descanso ao consumo de alguma coisa, e dá-lhe maratonar séries e assistir tudo o que a indústria do entretenimento produz. Ou então transformar descanso em parte da rotina, que coloca o ócio à serviço da nossa produtividade, para que os momentos de descanso nos ajudem a criar mais e melhor.

Será que o trabalho é o problema, como sugeriu Lafargue? Será que se as pessoas não precisassem trabalhar, acabaria esse sofrimento? Ou será que o problema é como o nosso formigueiro está estruturado agora? O trabalho tem sido desvinculado de tanta coisa importante. Desvinculado de significado, de satisfação pessoal, do prazer de fazer, até de uma remuneração justa!

Não sem razão tanta gente deteste trabalho. Ou o trabalhador.

Essa ideia de trabalho e prazer como campos opostos talvez seja tão antiga quanto a fábula da Formiga e da Cigarra. Mas tem um elemento central da história de Esopo que não dá para deixar passar batido. A mudança das estações, a que faz todo o plot twist acontecer! Essa mudança aponta para uma lição importante da natureza: ela acontece em ciclos que não existem perpétuos. Eles se alternam. Verão, inverno. Trabalho, descanso. Contrair, relaxar.

Que inconveniente isso para um sistema que exige que sejamos contínuos. Que sejamos gráficos com setas ascendentes, subindo mais e mais. Daí pintar cigarras e formigas como inimigas. Ou pintar o trabalho como algo que envolve sofrimento, um apêndice isolado da nossa vida, onde não há espaço para imaginação.

Moral da história? Deixa para amanhã. Hoje eu vou descansar.

Um beijo, a gente se encontra em um próximo episódio.

E lembre-se:

Jamais confie no narrador.

Mas como trabalhador, ele merece ser pago mesmo assim.